

EDITORIAL

O TRABALHO COM GRUPOS NA AMÉRICA LATINA: REPETIÇÃO OU INVENÇÃO?

Manoel Antônio dos Santos¹

¹ Professor Doutor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo. Editor da Revista da SPAGESP - Sociedade de Psicoterapias Analíticas Grupais do Estado de São Paulo, e-mail: masantos@ffclrp.usp.br.

Este fascículo corresponde ao volume 10, número 1, da Revista da SPAGESP. Os artigos enfileirados nessa coletânea tratam de diferentes temáticas que têm merecido a atenção dos profissionais e pesquisadores do campo grupal.

O primeiro artigo, intitulado *Apontamentos sobre a psicanálise e as práticas institucionais na América Latina*, de Pablo de Carvalho Godoy Castanho, da Universidade Presbiteriana Mackenzie, traz apontamentos valiosos sobre a questão da Psicanálise e das Práticas Institucionais na América Latina. O autor reforça a necessidade de se pensar o caminho que a psicanálise faz do divã aos grupos institucionais, às práticas intersticiais e outras modalidades de atuação.

O artigo seguinte, *O grupo e a institucionalização do movimento analítico*, de Fernando Silveira, da Universidade Presbiteriana Mackenzie, contribui com um diálogo acerca da institucionalização do movimento analítico de grupos no Brasil, a partir dos resultados obtidos em uma revisão bibliográfica, para compreender como o grupo aparece no movimento psicanalítico brasileiro durante o período de consolidação das instituições psicanalíticas.

A próxima contribuição, intitulada *Grandes grupos: Dinâmica e terapia*, de Carla Maria Pires e Albuquerque Penna, da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, objetiva localizar o início dos trabalhos com grandes grupos na Inglaterra, praticamente desconhecidos dentro de uma perspectiva psicanalítica no Brasil. O artigo ressalta a importância da psicoterapia analítica de grupo voltar-se para a pesquisa teórica, bem como a prática com grandes grupos, que trazem interessantes perspectivas na atualidade para o trabalho grupal.

O próximo artigo é *Subjetividade e alteridade: Considerações sobre os fundamentos de uma clínica grupal na perspectiva winnicottiana*, de Tânia Maria José Aiello Vaisberg, do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. As condições de possibilidade de proposição de uma clínica grupal, que permita a abordagem de problemáticas psicopatológicas que emergem no campo da pré-subjetividade, são consideradas a partir das mudanças

paradigmáticas que, no interior do discurso psicanalítico, possibilitaram a percepção de um nexos essencial entre a constituição da subjetividade, no plano individual, e uma natureza humana que assume, no registro ontológico, um caráter fundamentalmente co-existencial e intersubjetivo.

No artigo seguinte, *Grupos breves: Uma nova experiência e possibilidade na atual realidade*, Maria Amélia Andréa, da Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto, descreve a forma como estruturou os grupos psicoterapêuticos com número de sessões pré-determinadas após a aprovação da Lei ANS 9656, momento em que passou a ser obrigatório que os convênios proporcionassem 12 sessões de psicoterapia ao ano para seus usuários. Conclui que, por ter uma duração breve, esse formato de grupo traz, desde o início, a certeza do seu término, mas pode ser vivenciado intensamente enquanto dura esse processo.

O artigo de Juan Adolfo Brandt, da Universidade Bandeirante de São Paulo, intitulado *Grupos Balint: Suas especificidades e seus potenciais para uma clínica das relações do trabalho*, apresenta os fundamentos teóricos que sustentam a modalidade grupal criada por Michael Balint. Essa estratégia tem por objetivo contribuir na formação dos médicos generalistas, para capacitá-los a estabelecer uma adequada relação médico-paciente. O autor abre um espaço de discussão sobre as potencialidades desse *setting* grupal para a constituição de uma clínica das relações de trabalho.

O próximo artigo, intitulado *Método psicanalítico e o discurso da criança no grupo: Um estudo piloto da sintomatologia depressiva no escolar*, de Maria Aparecida Bernardes Orlandi e Antonios Terzis, da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, pontua alguns aspectos levantados em uma pesquisa piloto com um grupo de cinco crianças, tendo o método do "Grupo como um sonho", de René Kaës, como suporte teórico para o enquadramento das especificidades do discurso da criança. Segundo os autores, o método demonstrou qualidades interessantes como apoio logístico ao analista na condução de sua estratégia clínica.

Encerrando esse número, o artigo *Atuação de estagiários em Psicologia do Trabalho com grupos*, de Dinael Corrêa de Campos, da Universidade São Francisco, relata as vivências grupais de estagiários na área da Psicologia Organizacional e do Trabalho. Para o autor, a atuação da Psicologia Organizacional e do Trabalho na implementação de estratégias para criação de organizações e comunidades melhores passa pelo trabalho de/em grupo. A atuação de estagiários em Psicologia do Trabalho com grupos pode ser um início para estimular novas práticas engajadas no cotidiano das pessoas que trabalham.

Os artigos publicados nesse fascículo reforçam a expectativa de que o trabalho com grupos que se pratica no contexto brasileiro e latino-americano está mais vivo do que nunca. Vivo e inovador, portanto, longe das armadilhas da estereotipia e da repetição.

Esperamos que todos encontrem nesses estudos subsídios para enriquecer sua prática grupal. É com essa inspiração que desejamos uma boa leitura para todos.